

TRADUÇÃO PORTUGUESA DA *ALTERCATIO HADRIANI AUGUSTI ET EPICTETI PHILOSOPHI* *

PORTUGUESE TRANSLATION OF THE *ALTERCATIO HADRIANI AUGUSTI ET EPICTETI PHILOSOPHI*

MIGUEL CARVALHO ABRANTES

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

MIGUEL.R.ABRANTES@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-2098-3318](https://orcid.org/0000-0003-2098-3318)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 22/11/2023

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 30 /07/2024

75

Resumo: Este artigo é composto por uma breve apresentação da obra hoje conhecida por *Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti philosophi*, de autoria desconhecida, a que se segue uma proposta de tradução do seu texto latino para o Português de Portugal.

Palavras-chave: Imperador Adriano, Epicteto, Diálogo, Tradução Portuguesa.

Abstract: This article is composed by a brief presentation of the work today known as *Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti philosophi*,

* Este autor opta por não usar o Acordo Ortográfico em vigor.

Um agradecimento enorme aos peers anónimos pelas muitas correcções e recomendações feitas a uma versão preliminar deste artigo.

of unknown authorship, followed by a proposal of a translation of its latin text to Portuguese from Portugal.

Keywords: Emperor Hadrian, Epictetus, Dialogue, Portuguese Translation.

A obra actualmente conhecida por *Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti philosophi*, cuja proposta de tradução para Português de Portugal apresentamos nas páginas seguintes, é uma breve composição latina de autoria desconhecida, cuja composição pode ser datada vagamente entre o reinado de Adriano Augusto (c. 117 – 137 d.C.), e a data de composição da obra *Disputatio Pippini cum Albino* por Alcuíno de Iorque, em finais do século VIII². Não nos apresentando, nos manuscritos a que ainda temos acesso, qualquer prefácio ou posfácio que estabeleça o contexto do encontro, esta obra pode ser resumida como uma sequência de 73 breves questões colocadas pelo Imperador Adriano ao filósofo estóico Epicteto.

76

Pela presença do segundo interveniente poderia pensar-se, à partida, que este se trata de um diálogo de carácter filosófico, como os presentes nas obras platónicas, mas não só a interacção entre ambas as personagens se processa quase sempre num só sentido, como as respostas são repetidamente muito breves e a filosofia estóica, expectável em função da segunda personagem, não tem aqui qualquer particular relevância. Também não existe qualquer especial ênfase em sabedoria de natureza proverbial. Talvez um diálogo sapiencial, como lhe chamou Bayless³, fosse a designação mais correcta para captar a

² Esta datação já tinha sido proposta por Daly (1939: 75-79). Se, recentemente, Frano (2024: 91, 99-100) referiu uma datação mais limitada, nos séculos II ou III d.C., fê-lo com base numa “linguistic analysis” cujos marcadores nunca identifica, limitando-se a dizer “Na základe jazykovej analýzy môže dielo datovať pravdepodobne do druhého alebo tretieho storočia nášho letopočtu”.

³ Bayless 2002: 161.

natureza desta criação literária, mas seguindo a ideia de Daly⁴, que outrora admitiu que “we have no more exact modern designation for this genre than ‘dialogue’, nor have I any other to offer”, podemos tentar designá-lo como um quase-monólogo de sabedoria, em que o primeiro interveniente apenas coloca as suas questões e o segundo a elas responde incessantemente. São raras as vezes em que existe qualquer interacção real entre uma resposta e a pergunta que a ela se segue, como se esperaria num diálogo real, mas diversas questões têm uma ligação, mais ou menos directa, com as anteriores, e.g. “*Quid est sol?*” antecede “*Quid est luna?*”, enquanto que “*Quid est somnus?*” precede “*Quid est nox?*” e “*Quid est culcita?*”

Sobre o conteúdo dessas perguntas e respostas, que pelo seu formato nos fazem supor um objectivo didático na composição da obra, se Frano propôs dividi-lo em duas grandes categorias – “the smaller part is written in the form of riddles, the others are definitions”⁵ – podemos aqui sugerir uma terceira. Assim, seguindo-se às adivinhas (e.g. “*Qua ratione homo lassus non fit?*”, “*Qui sunt qui sani egrotant?*”), e definições (e.g. “*Quid est aurum?*”, “*Quid est nox?*”), pode ser adicionada uma outra categoria, composta por questões relacionadas com a cultura romana da Antiguidade, tais como “*Quare mortuo pollices ligantur?*” ou “*Quare Venus nuda pingitur?*” Este foco, apesar de breve, em tradições antigas e divindades romanas, poderia apontar uma composição num tempo em que a religião tradicional ainda era a principal entre os Romanos, ou até alguma potencial historicidade da obra. Mas, nesse contexto, se sabemos que estas duas figuras históricas se conheceram pessoalmente, e que o imperador tinha, de facto, um muito conhecido hábito de colocar as suas questões aos vários filósofos do seu tempo⁶, mais do que afirmar que esta se trata de uma obra histórica, podemos

4 Daly 1939: 11.

5 Frano 2024: 99.

6 Daly 1939: 52-53, 76; Frano 2024: 88-89.

é tentar considerá-la como vagamente baseada num encontro entre as duas figuras presentes no seu título actual, pelas razões que apresentaremos em seguida.

Em primeiro lugar, as questões apresentadas raramente seguem uma sequência lógica, como seria de esperar num verdadeiro diálogo. “*Quid est pax?*” precede “*Quid est forum?*” e é depois seguida por “*Quid sunt amici?*”, não existindo nas respectivas respostas qualquer elemento de transição entre elas, como se o interrogador estivesse apenas a colocar o seu inquérito de uma forma completamente arbitrária. Ele não parece procurar atingir um qualquer objectivo final, ou o esclarecimento de quaisquer pontos controversos, mas somente questionar sem um rumo perceptível.

Em segundo lugar, algumas questões repetem-se por várias vezes, sem a apresentação de uma razão real que o motive. A mais frequente de todas elas, “*Quid est homo?*”, não só se prolonga por quatro iterações sucessivas, como obtém esse mesmo número de respostas diferentes. É um elemento muito pouco verosímil, que num diálogo real não poderia deixar de frustrar o respondente, por lhe estar a ser recolocada uma questão, uma e outra vez, sem lhe ser prestado qualquer esclarecimento do que se pretendia obter com esse processo.

E em terceiro, se até poderíamos tentar atribuir as falhas anteriores a possíveis interpolações feitas a uma versão original do texto⁷, entretanto desaparecida, conforme já apontado antes, Adriano adopta aqui sempre e exclusivamente o papel de mero inquisidor, quase sem qualquer pedido de explicação adicional ou algum breve comentário às respostas do filósofo. E então, dado o carácter indiscutivelmente crítico de muitas das respostas, que certamente suscitariam enorme curiosidade a qualquer ouvinte do tempo dos Romanos (ou até dos nossos dias), a ausência de um qualquer pedido para uma explicação adicional é profundamente irrealista.

⁷ Daly 1939: 72-73.

Em quarto e último lugar, nem Adriano parece proceder como um imperador, colocando questões que consideraríamos mais apropriadas ao seu posto, nem Epicteto se assemelha, em nenhum momento, ao filósofo cujo pensamento nos chegou através das obras do seu pupilo, Arriano. Poderiam substituir-se ambos os nomes pelos de Platão e Sócrates, de Cícero e Catilina, ou até de uns modernos Carlos e Manuel, e pouco na obra destoaria nesse novo contexto. Essa ausência de elementos mais identificativos poderá indicar, sem certezas comprováveis, a existência de uma versão original da obra em que os intervenientes eram apenas duas figuras anónimas.

Como tal, associando-se esses quatro pontos, parece-nos correcto concluir-se que esta só poderá tratar-se de uma composição puramente ficcional, não representando um verdadeiro registo de uma conversa entre as duas figuras que lhe dão o seu título actual. Se é possível que toda a ideia por detrás desta composição literária tenha nascido do conhecimento da existência de pelo menos uma conversa real entre as personagens que lhe dão título, o autor do texto não a deverá ter presenciado. Não preserva nas suas linhas uma única pergunta – ou resposta – com um fundo histórico advindo do encontro do imperador com o filósofo aqui em questão, sendo ambos os nomes utilizados numa tentativa de legitimar o texto, associando-lhe uma figura eminente da Filosofia de Roma Antiga.

Tirada então do caminho a questão de uma possível historicidade, há que frisar que se este não foi o primeiro diálogo do seu tipo – Daly⁸ demonstra que existiram vários antecedentes a esta forma literária de “pergunta-e-resposta” – o género em que podemos inseri-lo parece ter começado a ganhar popularidade apenas no segundo século da nossa era⁹, tornando-se este texto num dos seus mais famosos exemplos seculares, juntamente com aquele que é hoje conhecido como a *Vita*

8 Daly 1932: 20-24.

9 Daly 1939: 25.

*Secundi Philosophi*¹⁰, em que também surgem 20 questões semelhantes às presentes nesta obra, mas desconhecendo-se actualmente se ambas foram inspiradas numa única fonte comum, ou se uma depende da outra.

Contudo, é indiscutível que ambos os textos inspiraram, possivelmente pelo seu valor didático no ensino do Latim, diversas produções medievais, como a *Disputatio Pippini cum Albino*¹¹, sendo provável que tenham igualmente chegado a Portugal na Idade Média, altura em que este género literário foi bastante popular¹². A sua influência na cultura popular portuguesa ainda pode ser vagamente reconhecida naquelas três curiosas, mas muito breves, perguntas que, segundo um famoso conto tradicional português, um rei pensou estar a colocar ao nosso Frei João Sem Cuidados – “Quanto pesa a lua?”, “Quanta água tem o mar?” e “O que é que eu penso?”. E assim se compreende a importância do texto original e da realização da proposta de tradução que aqui se apresenta, optando-se pelo texto latino tal como foi estabelecido por Walter Suchier¹³:

80

Altercatio Hadriani Augusti et
Epicteti philosophi

[1] Had: Quid erit nobis, si cinctum
solvas, neque nudaberis ipse? Respice
corpus, quod et doceri possis.

Disputa entre Adriano e o Filósofo
Epicteto¹⁴

Adriano: Que nos acontecerá se
tirmos o cinto e não nos virmos
nus?¹⁵ Observa o corpo para que
também possas aprender.

10 Daly 1939: 54-55, 75.

11 Daly 1939: 59, 80-81; Bayless 2002.

12 Cf. Bayless 2002.

13 Daly 1939: 104-107.

14 É possível que este nem sempre tenha sido o título da obra. Ver a nota seguinte.

15 Desconhecendo-se se esta sempre foi a frase inicial da composição literária, ela pode indicar que as duas personagens eram, numa versão original do texto, apenas dois homens – o aparente processo de despojamento das suas roupas coloca ambos em igualdade de circunstâncias, podendo justificar a ausência de referências a outros elementos identificativos do respectivo estatuto.

Epic. Epistola est.

[2] H: *Quid est epistola?*

E: *Tacitus nuncius.*

[3] H: *Quid est pictura?*

E: *Veritas falsa.*

[4] H: *Quare hoc dixisti?*

E: *Videmus enim poma picta, flores, animalia, aurum, argentum, et non est verum.*

[5] H: *Quid est aurum?*

E: *Mancipium mortis.*

[6] H: *Quid est argentum?*

E: *Invidiae locus.*

[7] H: *Quid est ferrum?*

E: *Omnis artis instrumentum.*

[8] H: *Quid est gladius?*

E: *Regimen castrorum.*

[9] H: *Quid est gladiator?*

E: *Sine crimine homicida.*

Epicteto: É uma epístola¹⁶

A: O que é uma epístola?

E: Um mensageiro silencioso.

A: O que é uma pintura?

E: Uma verdade falsa.

A: Porque dizes isso?

E: Porque vemos pinturas de frutos, flores, animais, ouro, prata, e não são de verdade.

A: O que é o ouro?

E: O escravo da morte¹⁷.

A: O que é a prata?

E: O local da inveja¹⁸.

A: O que é o ferro?

E: O instrumento de todas as artes.

A: O que é o gládio?

E: O disciplinador dos campos militares¹⁹.

A: O que é um gladiador?

E: Um homicida sem crime.

16 Inicialmente interpretámos esta como uma potencial referência ao corpo de cada ser humano como um metafórico registo de tudo aquilo por que ele foi passando no decorrer da sua vida. Porém, um peer anónimo sugeriu tratar-se de um jogo de palavras “do grego epi+stole: se desaperta o cinto, não fica nu, porque lhe sobra sobre o corpo uma túnica (epi-stola)”. Discordamos humildemente, com base no argumento de que se trataria do único jogo de palavras com o Grego Antigo presente no texto.

17 Provavelmente no sentido de que as pessoas passavam toda a sua vida em busca do ouro, sendo como que escravizadas por essa sua procura.

18 Ligada à questão anterior, esta relação entre o ouro, a prata e a inveja poderá ser explicada através deste novo elemento ser mais comum na vida diária que o anterior, gerando invejas de quem tinha pouca prata, ou dinheiro, face a quem possuía mais.

19 O gládio, ou espada, era um elemento imprescindível nas batalhas da época.

[10] H: *Qui sunt qui sani egrotant?*
E: *Qui aliena negotia curant.*

[11] H: *Qua ratione homo lassus non fit?*
E: *Lucrum faciendo.*

[12] H: *Quid est amicitia?*
E: *Concordia.*

[13] H: *Quid est longissimum?*
E: *Spes.*

[14] H: *Quid est spes?*
E: *Vigilanti somnus, spectanti dubius eventus.*

[15] H: *Quid est quod homo videre non potest?*
E: *Alterius animum.*

[16] H: *Qua re peccant homines?*
E: *Cupiditate.*

[17] H: *Quid est libertas?*
E: *Innocentia.*

[18] H: *Quid regi et misero commune est?*
E: *Nasci et mori.*

[19] H: *Quid est optimum ac pessimum?*
E: *Verbum.*

A: Quem são os que adoecem em saúde?

E: Os que se ocupam dos assuntos dos outros.

A: De que nunca se cansa um homem?
E: De fazer lucro.

A: O que é a amizade?
E: Concórdia [entre os amigos]²⁰.

A: O que é vastíssimo?
E: A esperança.

A: O que é a esperança?
E: O sono para quem vigia, uma realidade incerta para quem observa.

A: O que é que um homem não pode ver?
E: O pensamento de outro.

A: Porque razão pecam os homens?
E: Por cobiça.

A: O que é a liberdade?
E: A inocência²¹.

A: O que é comum ao rei e ao pobre?
E: Nascer e morrer.

A: O que é o melhor e o pior?
E: A palavra²².

20 No sentido de conformidade de pareceres, recordando-nos até o famoso provérbio “amicorum communia omnia”.

21 Possivelmente no sentido de que apenas pode ser plenamente livre quem nada tem a temer.

22 Esta dualidade do poder da palavra poderá até recordar-nos da ideia presente nos provérbios “homo homini lupus” e “homo homini deus” – tal como esta pode ser boa ou má, também o próprio Homem pode ser tanto um lobo como um deus para os seus companheiros.

[20] H: *Quid est quod alii placet et alii displicet?*

E: Vita.

[21] H: *Quid est optima vita?*

E: *Brevissima.*

[22] H: *Quid est certissimum?*

E: Mors.

[23] H: *Quid est mors?*

E: *Perpetua securitas.*

[24] H: *Quid est mors?*

E: *Timenda nonnullis, si sapiens legas, inimica vite, nomen animantium, metus parentum, liberorum preda, testamenti gratia, post obitum sermo, supreme lacrimae, post memoriam oblivio, fax rogi, onus sepulti, titulus monumenti; mors omnium malorum finis est.*

[25] H: *Quare mortuus coronatur?*

E: *Agonem se vite transegisse testatur.*

A: O que é que agrada a uns e desagrada a outros?

E: A vida.

A: Qual é a melhor vida?

E: A mais breve²³.

A: Que coisa é mais do que certa?

E: A morte.

A: O que é a morte?

E: Segurança perpétua.

A: O que é a morte?

E: Algo que não é temido por nenhum sábio, a inimiga da vida, nome dos vivos²⁴, o medo dos pais, predador dos livres, graça do testamento²⁵, discurso após a morte, lágrimas supremas, esquecimento após a memória, a tocha do funeral, o fardo do sepultado, o título do monumento, a morte é o fim de todos os males.

A: Porque é o morto coroadado?

E: Para atestar que completou o combate da vida.

23 Esta ideia, potencialmente difícil de compreender no pensamento dos nossos dias, poderá ser explicada recorrendo-se a palavras como as do Coro na tragédia sofocliana Édipo em Colono – “Não ter nascido – supera qualquer tipo de argumento; e regressar, bem depressa, lá para o seio original, após ter vindo à luz, é o que mais se lhe aproxima. Depois de ver passar os verdes anos, com as ligeirezas da sua irreflexão, quem, de entre os mortais de mil sofrimentos, percorre um caminho isento de amargura? Qual é a dor que aí não está presente: – inveja, querelas, discórdia, pejejas e assassínios? Por último é a vez da execrável velhice, indefesa, insociável e inóspita. Aí coabita toda a casta dos mais terríveis males” (Fialho 2001: 74-75).

24 Daly (1939: 86) lê aqui “numen animantium”, e dessa expressão admite que “the meaning is obscure”, sugerindo a tradução “the (evil?) spirit of the living”. Interpretamo-la como significando que a morte é um nome apenas para os vivos, não tendo qualquer significado para os que já faleceram.

25 Nova expressão que Daly (1939: 86) considera “equally cryptic”, sugerindo que “death (happens) because of the last will and testament”. Sugerimos, em alternativa, a interpretação de que os benefícios do testamento são um dom legado pela morte.

[26] H: *Quare mortuo pollices ligantur?*
E: *Ut parem post obitum esse se nesciat.*

27] H: *Quid est vispillo?*
E: *Quem multi devitant et nemo effugit.*

[28] H: *Quid est rogus?*
E: *Contentio crediti, persolutio debiti.*

[29] H: *Quid est tuba?*
E: *Belli incitamen, castris signum, arena admonitio, scene commissio, funeris deploratio.*

[30] H: *Quid est monumentum?*
E: *Saxa isticmosa, otiosi viatoris spectatio.*

[31] H: *Quid est homo pauper?*
E: *Ut puteum desertum omnes aspiciunt et loco illum relinquunt.*

[32] H: *Quid est homo?*
E: *Balneo similis: prima cella tepidaria unctaria, infans natus perungetur; secunda cella sudatoria pueritia est; tertia cella assa perferentia iuventus; quarta cella appropriat senectus frigidaria, omnibus equat sententiam.*

A: Porque ligamos os polegares de um morto?

E: Para que não saiba que é o mesmo após a morte²⁶.

A: O que é um coveiro?

E: Aquele que muitos evitam e ninguém escapa.

A: O que é uma pira fúnebre?

E: A disputa do crédito, o pagamento da dívida.

A: O que é uma trombeta?

E: O incitamento à guerra, o sino do acampamento, a chamada para a arena, uma abertura de cena teatral, um lamento fúnebre²⁷.

A: O que é um monumento?

E: Pedras com símbolos, a visão de um viajante ocioso.

A: O que é um homem pobre?

E: Um poço abandonado, para o qual todos olham e deixam no mesmo lugar.

A: O que é um homem?

E: É semelhante a um banho [dos Romanos]. A primeira sala é tépida e oleosa, onde a criança será unguida; a segunda é de suor, como a juventude; a terceira é quente, como a idade adulta; a quarta é fria, a velhice, que iguala todos em destino.

²⁶ Daly (1939: 87) diz que esta frase é “readable, although not very intelligible”, sugerindo a tradução “so that he may not know that he is twain after death”. Sobre o seu sentido, um peer anónimo sugeriu algo digno de nota - “Ainda hoje se ligam os dois polegares, ou as mãos, dos cadáveres, para as mãos ficarem unidas à frente, quando se instala o rigor mortis. Se não ligar os polegares, as mãos, os braços pendem para o lado. Este é sinal de que o texto foi composto num período em que as mãos dos mortos adotavam a pose de orante, como hoje.”

²⁷ Daly (1939: 88) sugere significados para estas palavras, mas de um modo geral podemos interpretá-las como referindo diversas circunstâncias em que na época da escrita uma trombeta era soada.

[33] H: *Quid est homo?*

E: *Pomo similis: Poma ut in arboribus pendent, sic sunt et corpora nostra: ut matura cadunt, aut si cito acerba ruunt.*

[34] H: *Quid est homo?*

E: *Sicut lucerna in vento posita.*

[35] H: *Quid est homo?*

E: *Loci hospes, legis imago, calamitatis fabula, mancipium mortis, vite mora; quo fortuna sepe suos ludos faciet.*

[36] H: *Quid est fortuna?*

E: *Ut matrona nobilis in servos se impingit.*

[37] H: *Quid est fortuna?*

E: *Sine iudicio, proxima meta, alienorum bonorum casus; ad quem venit, splendorem ostendit, a quo recedit, umbram faciet.*

[38] H: *Quot sunt autem fortune?*

E: *Tres: una ceca, que ubilibet se impingit; et alia insana, que concedit, cito aufert; tertia surda, que miserorum preces non exaudit.*

[39] H: *Quid sunt dii?*

E: *Oculorum signa, mentis numina; si metuis, timor est; si contines, religio est.*

A: O que é um homem?

E: É semelhante a um fruto. Pendem nas árvores, tal como os nossos corpos; caem quando maduras, ou, se tombam cedo, estão verdes.

A: O que é um homem?

E: É como uma vela acesa colocada ao vento²⁸.

A: O que é um homem?

E: Um hóspede do local, uma imagem da lei, uma história de calamidade, um escravo da morte, uma prorrogação da vida; lugar em que a fortuna encena os seus jogos.

A: O que é a Sorte?

E: É como uma matrona nobre que pune os servos.

A: O que é a Sorte?

E: Sem julgamento, a meta próxima, a queda dos bens alheios; a quem chega mostra esplendor, ao que se afasta faz sombra.

A: Quantas são as Sortes?

E: Três. Uma cega, que se impõe em qualquer lugar; outra insana, que o que dá imediatamente tira; uma terceira, surda, que não ouve as preces dos miseráveis.

A: O que são os deuses?

E: Sinais dos olhos, divindades da mente; se os temes, é medo; se os reconheces, é religião.

²⁸ Tanto esta resposta como a anterior parecem referir-se à fragilidade da existência humana.

[40] H: Quid est sol?
E: Splendor orbis; qui tollit et ponit diem; per quem scire nobis cursum horarum datur.

[41] H: Quid est luna?
E: Dies adultor, noctis oculus, fax tenebrarum.

[42] H: Quid est celum?
E: *Culmen immensum*.

[43] H: Quid est celum?
E: Aër mundus.

[44] H: Quid sunt stelle?
E: Fata hominum.

[45] H: Quid sunt stelle?
E: Litora gubernatorum.

[46] H: Quid est terra?
E: Horreum Cereris.

[47] H: Quid est terra?
E: *Cellarium vite*.

[48] H: Quid est mare?
E: Iter incertum.

[49] H: Quid est navis?
E: Domus erratica.

[50] H: Quid est navis?
E: Ubilibet hospicium.

[51] H: Quid est navis?
E: Numina Neptuni, anni cursuum tabellarium.

A: O que é o sol?
E: O esplendor do mundo; que levanta e põe o dia; por quem nos é dado a saber o curso das horas.

A: O que é a lua?
E: A suplantadora do dia, o olho da noite, a tocha das trevas.

A: O que é o céu?
E: Uma cúpula imensa²⁹.

A: O que é o céu?
E: O ar do mundo.

A: O que são as estrelas?
E: Os destinos dos Homens.

A: O que são as estrelas?
E: Os limites dos navegadores.

A: O que é a terra?
E: A despensa de Ceres.

A: O que é a terra?
E: O celeiro da vida.

A: O que é o mar?
E: Um caminho incerto.

A: O que é um navio?
E: Uma casa que muda de local.

A: O que é um navio?
E: Um alojamento em qualquer lugar.

A: O que é um navio?
E: Poderes de Neptuno, tabela dos cursos do ano.

²⁹ Em referência à ideia filosófica de que o nosso mundo estava rodeado por um conjunto de esferas.

[52] H: Quid est nauta?
E: Amator pelagi, firmi desertor,
contemptor vite mortisque, unde
cliens.

[53] H: Quid est somnus?
E: Mortis imago.

[54] H: Quid est nox?
E: Laboranti requies, crassanti
lucrum.

[55] H: Quid est culcita?
E: Insomnis volutatorium.

[56] H: Quare Venus nuda pingitur?
E: Nuda Venus picta, nudi pinguntur
Amores; quibus nuda placet, nudos
dimittat oportet.

57] H: *Quare Venus Vulcano nupta est?*
E: *Ostendit amorem ardore incendi.*

[58] H: Quare Venus straba est?
E: Quia pravus est amor.

[59] H: Quid est amor?
E: *Otiosi pectoris molestia, in puero pudor,
in virgine rubor, in femina furor, in iuvene
ardor, in sene risus, in derisore delicti
nequities est.*

[60] H: Quid est deus?
E: Qui omnia tenet.

[61] H: Quid est sacrificium?
E: Delibatio.

A: O que é um navegador?
E: Um amante do mar, desertor da
terra firme, desdenhador da vida e da
morte, cliente das ondas.

A: O que é o sono?
E: Uma imagem da morte.

A: O que é a noite?
E: Descanso de quem trabalha, lucro
dos diligentes.

A: O que é uma almofada?
E: Aconchego para os insones.

A: Porque é Vénus pintada nua?
E: Vénus é pintada nua, os Amores
são pintados nus; a quem os nus
agradam, os nus devemos deixar³⁰.

A: Porque casou Vénus com Vulcano?
E: Mostra que o amor é inflamado
pelo ardor.

A: Porque é Vénus estrábica?
E: Porque o amor é torto³¹.

A: O que é o amor?
E: Tormento do peito ocioso, pudor
na criança, rubor na donzela, furor na
mulher, ardor no jovem, riso no idoso,
iniquidade do delito no debochado.

A: O que é um deus?
E: Aquele que tudo tem.

A: O que é um sacrifício?
E: Uma oferta simbólica.

³⁰ A ideia parece indicar que a deusa era pintada nua apenas porque assim o foi convencionalmente.

³¹ Possivelmente em referência à ideia de que duas pessoas não amam da mesma forma.

[62] H: *Quid est sine societate?*
E: *Regnum.*

[63] H: *Quid est regnum?*
E: *Pars deorum.*

[64] H: *Quid est Cesar?*
E: *Publice lucis caput.*

[65] H: *Quid est senatus?*
E: *Ornamentum splendor urbis civium.*

[66] H: *Quid est miles?*
E: *Murus imperii, defensor patrie, gloriosa servitus, potestatis indicium.*

[67] H: *Quid est Roma?*
E: *Fons imperii orbis terrarum, mater gentium, rei possessor, Romanorum contubernium, pacis eterne consecratio.*

[68] H: *Quid est victoria?*
E: *Belli discordia, pacis amor.*

[69] H: *Quid est pax?*
E: *Tranquilla liberalitas.*

[70] H: *Quid est forum?*
E: *Templum libertatis, arena litigantium.*

[71] H: *Quid sunt amici?*
E: *Statute aere sunt.*

A: O que existe sem sociedade³²?
E: Um reino.

A: O que é um reino?
E: Uma parte dos deuses³³.

A: O que é César?
E: A cabeça da luz pública.

A: O que é o senado?
E: Ornamento da cidade, esplendor dos cidadãos.

A: O que é um soldado?
E: O muro do império, o defensor da pátria, serviço glorioso, sinal do poder.

A: O que é Roma?
E: Fonte do poder da orbe da terra, mãe das nações, detentora do poder, assembleia dos Romanos, consagração da paz eterna.

A: O que é a vitória?
E: A discórdia da guerra, o amor da paz.

A: O que é a paz?
E: Liberalidade tranqüila.

A: O que é o fórum?
E: O templo da liberdade, a arena da litigância.

A: O que são os amigos?
E: Fundações em betão.

32 No sentido romano de “sociedade”, de uma reunião de pessoas unidas pela sua origem comum ou leis.

33 Uma possível alusão panteísta, a ideia de que os deuses estão presentes em tudo o que existe.

[72] H: *Quid est amicus?*
 E: *Ut pomo citreo similis: a foras beatus,
 nam intra pectus accidum occultat malo.*

A: O que é um amigo?
 E: É semelhante a um limão. Por fora tem um exterior feliz, mas dentro do peito esconde amargura.

[73] H: *Quid sunt parasiti?*
 E: *Qui tanquam pisces adescantur.*

A: Quem são os parasitas?
 E: Aqueles que são atraídos com migalhas como os peixes.

BIBLIOGRAFIA

- Bayless, M. (2002), “Alcuin’s Disputatio Pippini and the early medieval riddle tradition”, in G. Halsall, *Humour, History and Politics in Late Antiquity and the Early Middle Ages*, Cambridge, UK, 157-178.
- Braga, T. (1883), *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, Porto.
- Daly, L. W., Suchier, W. (1939), *Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti philosophi*, Urbana, Illinois, EUA.
- Fialho, M. C. Z. (2001), *Sófocles, Édipo em Colono*, Liga de Amigos de Conímbriga.
- Frano, P. (2024), “Polemika medzi cisárom Hadriánom a filozofom Epiktétom”, in *Kultúrne dejiny*, online: <https://www.ku.sk/katolicka-univerzita-v-ruzomberku/univerzitna- kniznica/sluzby/doi/kulturne-dejiny/2024-01/> [Consultado em 15-06-2024]

